

Representações Sociais sobre Adoção, Adoção tardia e Adoção por pessoas solteiras

Social Representations of Adoption, Late Adoption, and Adoption by Single People

Mayara Custódio Pereira¹, Lília Iêda Chaves Cavalcante¹, Normanda Araujo de Moraes², Patrícia Oliveira Lima²

RESUMO: Este estudo teve como objetivo investigar as representações sociais de 136 universitários (52,7% sexo feminino, $M = 25,9$ anos) acerca da adoção, da adoção tardia e da adoção por pessoas solteiras. Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário que incluía um Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), com as palavras indutoras “adoção”, “adoção tardia” e “adoção por pessoas solteiras”. O exame dos dados foi realizado por meio de análises prototípicas, utilizando o *software* IRAMUTEQ. Os resultados sugerem uma visão positiva da adoção e da adoção tardia, evidenciada por termos como “amor”, “família” e “cuidado”. No entanto, a adoção ainda é associada à ideia de caridade, refletida na palavra “compaixão”. A adoção tardia está relacionada ao julgamento social devido à idade da criança, sinalizada pela palavra “preconceito”. A adoção por pessoas solteiras é reconhecida como uma configuração de família legítima, ilustrada pela palavra “família”. Contudo, a palavra “solidão” sugere que uma das principais motivações dos adotantes é a necessidade de ter a companhia de um filho na velhice. Conclui-se que, embora os termos pesquisados sejam vistos de forma positiva pelos participantes, a adoção tardia e a adoção por pessoas solteiras tendem a estar mais associadas ao preconceito social. Intervenções podem ser promovidas no sentido de desestigmatizar tais concepções e promover o direito à convivência familiar de mais crianças e adolescentes.

Palavras-chave: adoção; adoção tardia; adoção por pessoas solteiras; representações sociais; família.

ABSTRACT: This study aimed to investigate the social representations of 136 university students (52.7% female, $M = 25.9$ years) regarding adoption, late adoption, and adoption by single people. Data collection was carried out using a questionnaire that included a Free Word Association Test (FWAT), with the inducing words "adoption," "late

¹ Universidade Federal do Pará (UFPA)

² Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

adoption," and "adoption by single people." Data analysis was conducted through prototypical analyses using the IRAMUTEQ software. The results suggest a positive view of adoption and late adoption, evidenced by terms such as "love," "family," and "care". However, adoption is still associated with the idea of charity, reflected in the word "compassion". Late adoption is related to social judgment due to the child's age, as indicated by the word "prejudice". Adoption by single people is recognized as a legitimate family structure, illustrated by the word "family". However, the word "loneliness" suggests that one of the main motivations for adopters is the need for a child's companionship in old age. It is concluded that although the terms studied are perceived positively by participants, late adoption and adoption by single people tend to be more associated with social prejudice. Interventions may be promoted to destigmatize such conceptions and to promote the right to family life for more children and adolescents.

Keywords: adoption; late adoption; adoption by single people; social representations; family.

Introdução

No Brasil, observa-se uma mudança no cenário atual da adoção, no qual é priorizado o melhor interesse da criança (Machado et al., 2015; Souza, et al., 2021). A adoção pode ser definida como a inserção em um ambiente familiar de uma criança e/ou adolescente cujos pais morreram, são desconhecidos ou estão impedidos de exercer as funções parentais pelas autoridades competentes (Melgaço & Nascimento, 2023). Esse processo permite a formação de relações parentais entre adultos e crianças e/ou adolescentes, independentemente do vínculo sanguíneo, com o objetivo de proporcionar um lar familiar que ofereça um ambiente favorável ao desenvolvimento das crianças e/ou adolescentes privadas da convivência com a família biológica por qualquer motivo (Bicca & Grzybowski, 2014; Riede & Satorinei, 2013; Silva et al., 2022).

Conforme a Lei nº 8.069, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), podem adotar pessoas maiores de 18 anos, independente do estado civil, o que permite que a adoção assuma diferentes configurações, por exemplo: a adoção homoparental,

processo adotivo no qual uma pessoa que se identifica como homossexual ou casal que tem uma relação homoafetiva e união estável, decide pela via da adoção para se tornar pai ou mãe; a adoção de grupo de irmãos, é o processo no qual uma pessoa ou casal adota mais de uma criança e/ou adolescente que são irmãs ou irmãos; adoção inter-racial, que ocorre quando uma pessoa ou casal de uma etnia ou raça adota uma criança e/ou adolescente de outra etnia ou raça; e a adoção internacional, que acontece quando o postulante à adoção, nacional ou estrangeiro, é residente ou domiciliado em um país diferente da criança e/ou adolescente adotado (Conto & Canzi, 2024; Lino & Marafon, 2023; Nokata & Gomes, 2023).

Nesse sentido, é possível identificar ações desenvolvidas com o intuito de incentivar e possibilitar que outras formas de adoção aconteçam, como a adoção tardia (Fernandes & Santos, 2019). Esse é um processo adotivo que se caracteriza pela adoção de crianças com mais de dois anos de idade (Baldessar & Castro, 2020; Lei 8.069 [ECA], 1990). Essa modalidade de adoção é pouco procurada pelos postulantes à adoção (Bento & Grzybowski, 2023; Peixoto et al., 2019). Em parte, porque a adoção tardia é associada ao estigma da criança adotada e ao preconceito, especialmente sobre o passado da criança e suas experiências negativas. Os postulantes à adoção acreditam que a história de vida da criança irá atrapalhar o seu desenvolvimento saudável, dificultar a sua educação e o seu processo de vinculação com a família (Sampaio, Magalhães & Féres-Carneiro, 2018; Sampaio, Magalhães & Machado, 2020; Silva et al., 2022).

Outra configuração é a adoção por pessoas solteiras, que assegura a igualdade de direitos e qualificações entre os filhos adotivos, tornando, assim, a adoção plena e irrevogável, destacando que o adotado passa a ter todos os direitos de filho e garante que se desenvolva de maneira saudável, segura e digna (Leão et al., 2017). As diversas mudanças e transformações ocorridas na instituição familiar ao longo do tempo ampliam

a compreensão do que é família e superam a percepção popular que a entende apenas como um grupo constituído por laços de sangue, permitindo o surgimento de novas configurações familiares e as transformações na sociedade acerca das convicções referente a parentalidade (Souza et al., 2012). Uma dessas novas configurações é a monoparentalidade, em que pessoas solteiras, sejam elas divorciadas, viúvas ou que não estão em uma união civil, decidem adotar. Nesse sentido, não é feita nenhuma diferenciação na avaliação de casais ou de pessoas solteiras que procuram adotar uma criança (Santos et al., 2011).

Essa modalidade de adoção está associada a mudanças ocorridas nas configurações familiares, ainda que não seja possível considerá-la como um fenômeno atual, pois ela sempre existiu. No entanto, esse fenômeno vem apresentando um crescimento significativo ao longo dos anos devido aos diversos fatores que propiciaram a sua propagação, como as transformações sociais nas configurações familiares, as mudanças nos papéis de gênero, as possibilidades de divórcio que permitem uma nova organização familiar (Biasutti & Nascimento, 2021; Bossardi et al., 2013; Cúnico & Arpini, 2014; Reis, 2010; Silva, 2010). Essas mudanças sociais reconhecem e evidenciam os novos arranjos de família que não estão de acordo com o modelo tradicional de família aceito socialmente. Por esse motivo, a adoção monoparental está associada ao crescimento das famílias monoparentais, sendo estas femininas ou masculinas, mesmo que ambas sejam cercadas de preconceito e discriminação social (Biasutti & Nascimento, 2021; Denardi & Bottoli, 2017).

Independentemente da configuração que assuma a família formada a partir da chegada de uma criança e/ou adolescente, os motivos para adoção, as dificuldades enfrentadas e as expectativas em relação ao futuro filho são aspectos comuns entre os postulantes à adoção. Em uma pesquisa recente, Araújo e Faro (2017) apresentaram serem

comuns os motivos para adotar, as dificuldades e as expectativas em torno do futuro filho na perspectiva de postulantes à adoção. Como resultado, observou-se o receio acerca da adoção, devido ao preconceito que existe na sociedade, assim como o receio de que a família extensa não consiga amar a criança por não ser filho biológico. Com relação a adoção tardia, os dados demonstram o medo de que a história de vida da criança e as suas vivências possam dificultar a adaptação e a convivência familiar. A pesquisa revela ainda que a adoção monoparental é uma escolha baseada no desejo de exercer a maternidade e a paternidade, ainda que não se tenha um companheiro(a) e a decisão de adotar tenha sido tomada somente após a concretização do sucesso profissional e da estabilidade financeira.

Nesse sentido, reitera-se a importância de pesquisas científicas com o objetivo de aprofundar os conhecimentos que são produzidos e compartilhados pelos grupos sociais acerca da adoção, da adoção tardia e da adoção por pessoas solteiras. Isso porque, com base na Teoria das Representações Sociais, é possível construir uma ampla visão do conjunto de crenças, opiniões e explicações em relação aos fenômenos que atravessam os indivíduos e que se apresentam por meio do senso comum, o que inclui a adoção e as diferentes configurações familiares. Essa teoria busca aprofundar as reflexões sobre as teorias presentes no senso comum, compartilhadas coletivamente, que influenciam comportamentos e interações por intermédio de ações que o modificam. As representações sociais possuem como função transformar o não familiar em algo familiar para os sujeitos (Moscovici, 2015).

Assim sendo, as representações sociais são significativas na vida cotidiana, pois elas norteiam e reúnem os diferentes aspectos da realidade de forma a interpretar e estabelecer tais aspectos como uma norma. São modelos de informações que são produzidos e compartilhados socialmente, formando os pensamentos que fazem parte da realidade de um grupo social (Jodelet, 1989). As representações sociais perpassam o

senso comum, sendo produzidas e repassadas pela sociedade com o intuito de sistematizar e compreender o real, produzindo um universo simbólico que permite a orientação e a ação do indivíduo no cotidiano (Spink, 1996).

Nos contextos da adoção, da adoção tardia e da adoção por pessoas solteiras, as representações sociais envolvem o conjunto de opiniões e comportamentos em relação aos fenômenos que atravessam os construtos pessoais e sociais dos indivíduos. É uma teoria que permite que os indivíduos construam uma explicação acerca dos objetos sociais (Wachelke & Camargo, 2007). Nesse sentido, as representações sociais são tidas como sistemas de interpretação que estabelecem a relação do indivíduo com o meio ao qual pertence, favorecendo comunicações e as condutas. Seu objetivo é organizar os fenômenos de ordem psicossocial, como atitudes, crenças, atribuições e comportamentos (Medrado, 1998).

Diante do exposto, o presente artigo tem como objetivo investigar a estrutura das representações sociais de um grupo social específico – estudantes universitários – sobre a adoção, a adoção tardia e a adoção por pessoas solteiras. O embasamento teórico utilizado são as representações sociais, que compreendem os aspectos pessoais, cognitivos e sociais dos indivíduos, permitindo compreender as construções simbólicas produzidas pela sociedade. Este estudo busca, assim, aprofundar os debates sobre a temática a partir do ponto de vista de estudantes universitários que, em tese, possuem percepções sobre essas modalidades de adoção que podem estar enraizadas na sociedade. Além disso, investigar as opiniões desse grupo possibilita identificar como a formação acadêmica pode influenciar as atitudes e os discursos sobre o tema.

Assim, entende-se ser importante compreender como essas modalidades de adoção são percebidas por esse grupo social em específico, inscrito em um contexto social

mais amplo, uma vez que essas percepções podem estar na base de atitudes preconceituosas mesmo entre estudantes que apresentam escolaridade superior.

Método

Trata-se de uma pesquisa com delineamento transversal, de natureza descritivo-exploratória e abordagem quanti-qualitativa dos dados.

Participantes

Participaram deste estudo 136 universitários, a faixa etária variou entre 18 e 69 anos ($M = 25,9$; $DP = 8,99$), sendo a maioria do sexo feminino (52,7%). Os universitários estavam distribuídos entre os cursos de administração, análise de sistemas, arquitetura e urbanismo, ciências da computação, ciências econômicas, design de moda, direito, enfermagem, engenharia ambiental, engenharia civil, farmácia, jornalismo, marketing, psicologia e recursos humanos de uma universidade privada de um capital do nordeste brasileiro.

Instrumento

Para coleta de dados, utilizou-se a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), tendo como palavras indutoras “adoção”, “adoção tardia” e “adoção por pessoas solteiras”. Os participantes responderam à seguinte questão: “Quais as primeiras três palavras que lhe vem à mente quando você pensa nas palavras: “adoção”, “adoção tardia” e “adoção por pessoas solteiras”?”. Além dos testes de associação livre, foi incluído um questionário sociodemográfico com o intuito de realizar uma caracterização da amostra, composto por perguntas relativas a sexo, idade, curso, semestre e se tem filhos. Em seguida, os participantes responderam as seguintes perguntas: “Você adotaria uma criança?”, “De qual idade?” e “Por qual motivo?”. Além dessas perguntas, os participantes ainda responderam as seguintes perguntas: “Homens solteiros poderiam adotar? Por quê?”, “Mulheres solteiras poderiam adotar? Por quê?”.

Procedimentos

A coleta de dados foi realizada no campus da universidade, apenas com os estudantes que concordaram em participar da pesquisa e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foi apresentado para os universitários o caráter voluntário da participação e a garantia do anonimato de suas respostas, segundo recomenda a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Fortaleza, sob o protocolo CAAE: 80817917.3.0000.5052.

Análise dos dados

Para a análises dos dados, inicialmente foi realizado um processo de lematização, que consiste na junção das palavras que dividem o mesmo radical e/ou o mesmo sentido. A análise dos dados foi realizada com o auxílio do *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), em que foi processado a Análise das Frequências Múltiplas, na qual é possível observar a frequência múltipla e relativa de cada palavra (Camargo & Justo, 2013). Para compreender as estruturas das representações e quais seus principais elementos foram realizadas Análises Prototípicas, frequentemente empregadas, que possibilitam a análise dos aspectos estruturais das representações sociais (Camargo & Justo, 2013; Wachelke & Wolter, 2011). O processo de Análise Prototípica foi feito individualmente para cada um dos estímulos indutores: “adoção”, “adoção tardia” e “adoção por pessoas solteiras”. Essa análise fundamenta-se no cálculo das frequências e nas ordens de evocações das palavras e estima os elementos mais importantes da representação (Wachelke & Wolter, 2011).

Com o resultado da análise são geradas quatro zonas que caracterizam a representação social. O primeiro quadrante superior esquerdo refere-se a zona do núcleo central, são concebidos os elementos com alta frequência e baixa ordem de evocação. Na

primeira periferia, localizada no quadrante superior direito, são apresentadas as palavras que possuem alta frequência, alta ordem de evocação, mas não foram prontamente evocadas. Na segunda periferia, posicionada no quadrante inferior direito, são apresentados os elementos com baixa frequência e alta ordem de evocação, tais palavras voltam-se para aspectos mais pessoais da representação, que estão interligados às experiências de cada sujeito. Na zona de contraste, localizada no quadrante inferior esquerdo, apresenta-se os elementos que apresentaram baixa frequência e com evocações que foram prontamente evocados (Wachelke & Wolter, 2011).

Resultados e Discussão

Adoção

Quando solicitado aos participantes que escrevessem quais as palavras que lhes vinham à mente quando ouviam a palavra “adoção”, obtivemos 405 evocações. A análise realizada referente à amostra total considerou as palavras que possuíam uma frequência igual ou maior que 4, correspondendo um total referente a “adoção” (81,40%). Na tabela 1, podemos ver os principais elementos das representações sociais dos estudantes.

Tabela 1

Análise prototípica para o estímulo indutor adoção.

Categoria	Evocação	R	OME	Evocação	R	OME	
	OME < 1.94			OME > 1.94			
r > 11.67	Amor	72	1.8	Carinho	17	2.1	
	Família	30	1.9	Responsabilidade	16	2.2	
	Cuidado	12	1.8	Compaixão	13	2.2	
Adoção	Criança	10	1.5	Solidariedade	10	2.1	
	Lar	8	1.9	Acolhimento	8	2	
	Afeto	8	1.9	Empatia	7	2.9	
	Caridade	7	1.7	Felicidade	5	2.4	
	r < 11.67	Doação	7	1.7	Vínculo	5	2.8
		Animal	7	1.6	Desejo	5	2.4
	Decisão	6	1.8	Coragem	5	2.2	
	Generosidade	4	1.5				
	Filho	4	1.8				

A partir dos resultados, apresentados na Tabela 1, percebemos que os principais elementos das representações sociais acerca do estímulo indutor “adoção” são associados às palavras “amor”, “família” e “cuidado”, todas com frequência maior que 11.67 e ordens de evocação menores a 1.94. Estas evocações correspondem a zona do núcleo central, localizada no primeiro quadrante (superior esquerdo), e demonstram uma representação positiva acerca da adoção. A palavra “amor” está em destaque com frequência superior, apresentando-se como o principal elemento organizador da representação social.

Esses resultados corroboram pesquisas anteriores que apontam que a adoção está vinculada aos laços afetivos, à construção dos vínculos, ao amor que pode nascer antes mesmo dos postulantes à adoção conhecerem a criança ou pode ser construído ao longo do tempo. A adoção também está vinculada ao cuidado, que pode transformar pessoas e relações e é reconhecida como uma possibilidade de concretizar o sonho de constituir uma família (Baldessar & Castro, 2020; Giacomozzi, et al., 2015; Resmini et al., 2023).

Para melhor interpretação dessas palavras, é possível utilizar a ilustração das frases elaboradas pelos participantes quando foram questionados sobre: “Você adotaria uma criança?”, “De qual idade?” e “Por qual motivo?”. Sobre o primeiro questionamento, foi identificado 75,74% das respostas positivas quando se refere à adoção de uma criança. Sobre o segundo e o terceiro questionamento eles responderam: “Elas precisam de um lar e amparo” (Participante 71). “Acredito que não existe idade para adoção” (Participante 112). “Todos têm o direito de ter uma família” (Participante 11). Nesse sentido, é importante salientar que as campanhas de adoção se utilizam da frase “Adoção é um ato de amor”, sendo “amor” a palavra que mais se destaca nesta pesquisa.

Dando continuidade à análise, na primeira periferia, no segundo quadrante (superior direito), é possível identificar as palavras “carinho” e “responsabilidade” como

uma continuidade do núcleo central. A palavra “compaixão”, ainda na primeira periferia, juntamente com a palavra “solidariedade”, presente na segunda periferia, demonstram uma ideia de adoção como uma causa filantrópica. Esses dados corroboram pesquisas anteriores que revelam que a adoção ainda é considerada como uma caridade, solidariedade, reconhecida como um ato de fazer o bem, ajudar uma criança que foi abandonada pela família biológica (Damaceno et al., 2020; Maux & Dutra, 2010).

Na zona de contraste, no terceiro quadrante (inferior esquerdo), as palavras “lar” e “afeto” continuam dando sentido à representação central da adoção. Entretanto, as palavras “caridade”, “doação” e “generosidade” fortalecem a noção de adoção como algo altruísta, relacionado à caridade. Para Weber (2021), o altruísmo é considerado como fator principal para o ato de adotar, observa-se no altruísmo a relevância social de fazer o bem, de ser bondoso com crianças e adolescentes que não tiveram a oportunidade de ter uma família.

Nesse sentido, observa-se que há uma tendência de representar o ato de adoção com aspectos positivos ilustrados pelas palavras “amor”, “carinho” e “afeto”, porém ainda existe uma ideia da adoção como caridade e filantropia, além de também permanecer a noção de “adoção clássica”, isso é, aquela praticada por aqueles impossibilitados de terem filhos, prevalecendo o bem-estar da família ao invés do superior interesse da criança e do adolescente.

Dando continuidade às análises, as palavras “acolhimento”, “felicidade”, “vínculo” e “desejo” surgem na segunda periferia, localizada no quarto quadrante (inferior direito) e reforçam as palavras apresentadas no núcleo central. Demonstrando que na adoção existe a felicidade no encontro do postulante à adoção com a criança e/ou adolescente, assim como o desejo de adotar e o acolhimento das relações que são construídas entre os postulantes à adoção e a criança e/ou adolescente. No processo

adotivo ainda existem os vínculos familiares, que podem ser construídos no primeiro encontro ou ao logo do tempo e fortalecidos durante a convivência familiar (Baldessar & Castro, 2020).

Adoção Tardia

Em relação ao estímulo indutor “adoção tardia” obteve-se um total de 396 evocações. Para a realização da análise prototípica foi utilizado 4 (quatro) como frequência mínima, equivalendo a 41,91% da amostra. A partir da Tabela 2 é possível compreender os elementos mais relevantes da representação social da adoção tardia.

Tabela 2.

Análise prototípica para o estímulo indutor adoção tardia.

Categoria	Evocação	R	OME	Evocação	R	OME	
							OME < 1.94
Adoção Tardia	r > 9.58	Amor	44	1.9	Cuidado	14	2.3
		Família	19	1.9	Empatia	11	2.1
		Carinho	13	1.9	Responsabilidade	11	2
		Dificuldade	11	1.3	Afeto	10	2.1
	r < 9.58	Preconceito	9	1.9	Compaixão	8	2
		Compromisso	9	1.9	Medo	7	2.4
		Felicidade	7	1.9	Coragem	6	2.7
		Paciência	6	1.7	Vontade	5	2.2
		Compreensão	6	1.8	Oportunidade	5	2.2
		Esperança	6	1.5	Adaptação	4	2
		Vínculo	5	1.8	Possibilidade	4	2.2
		Chance	4	1.5			

Na zona do núcleo central, localizada no primeiro quadrante (superior esquerdo), observamos a prevalência de palavras positivas, como “família”, “carinho”, destacando-se a palavra “amor” que aparece com a maior frequência (44) e representa o elemento organizador da representação social. O contraponto manifesta-se na evocação da palavra “dificuldade”, o que corrobora pesquisas anteriores que apontam que a adoção de crianças

com mais de dois anos ainda é preterida pelos postulantes à adoção (Bento & Grzybowski, 2023; Machado et al., 2015; Peixoto et al., 2019).

Para melhor interpretação da palavra “dificuldade” é possível utilizar a ilustração das frases elaboradas pelos participantes quando foram questionados sobre: “Você adotaria uma criança?”; “De qual idade?” e “Por qual motivo?”. Sobre os questionamentos eles responderam: “Adotaria com 3 anos pela adaptação da criança” (Participante 3). “3 anos, porque assim poderia adaptar a criança a forma que eu gostaria de criar” (Participante 48). “1 ano para facilitar a adaptação familiar” (Participante 49). “2 anos pois tem maior possibilidade de se adaptar à nova realidade” (Participante 65).

Seguindo a análise dos resultados, as palavras “cuidado”, “empatia” e “afeto” encontram-se na primeira periferia, no segundo quadrante (superior direito), reforçando essa representação que fortalece o aspecto positivo da adoção tardia. No entanto, na segunda periferia, no quarto quadrante (inferior direito), que representa os elementos relacionados às vivências de cada indivíduo ou do subgrupo, são aspectos menos compartilhados da representação social. A palavra “compaixão” denota uma conotação benevolente, além das palavras “medo”, “coragem” e “adaptação” que consolidam a ideia de dificuldade apresentada no núcleo central.

Esses dados corroboram pesquisas anteriores que revelam que há uma preferência dos postulantes à adoção por crianças menores de dois anos (Baldessar & Castro, 2020; Silva et al., 2022), pois acreditam que a adaptação será mais fácil, tranquila e por esse motivo não decidem pela adoção tardia. A adoção tardia é considerada uma modalidade de adoção cheia de desafios, na qual a adaptação é considerada mais difícil devido ao tempo em que as crianças e/ou adolescentes permaneceram nos serviços de acolhimento. Nesse sentido, os postulantes à adoção compreendem que a história de vida da criança irá dificultar o seu desenvolvimento saudável, interferir na sua educação e dificultar a

construção do vínculo com a família (Sampaio, Magalhães & Féres-Carneiro, 2018; Sampaio, Magalhães & Machado, 2020; Silva et al., 2022).

Conforme Otuka et al. (2013), o processo de adoção tardia será efetivo e positivo para a criança e/ou adolescente se a família adotiva conseguir identificar as necessidades do adotando, favorecendo a sua inserção no meio familiar e propiciando um ambiente seguro e capaz de atender suas necessidades emocionais. Os dados desta pesquisa revelam que existe um receio da adaptação dessa criança e/ou adolescente na nova família, como podemos observar nas respostas a seguir: “A integração ao novo meio seria complicada” (Participante 46). “A criança tem laços na instituição o que dificultaria no processo de adaptação” (Participante 49). “O tempo na instituição pode ser um problema” (Participante 59).

Completando o sentido dessas representações, o elemento “preconceito” aparece na zona de contraste, localizado no terceiro quadrante (inferior esquerdo), reforçando a percepção de contraste presente na zona do núcleo central. Desse modo, observa-se que mesmo com os avanços no cenário social da adoção, o preconceito persiste na sociedade quando se trata da adoção tardia. De acordo com os resultados desta pesquisa, as representações sociais da adoção tardia têm raízes culturais profundas e amplamente sustentadas socialmente. Em outras palavras, essas representações são construídas e compartilhadas a partir das interações sociais, conferindo um sentido real e concreto a essas representações. Esses achados corroboram dados de outras pesquisas, nas quais verificou-se que famílias que decidiram pela adoção tardia tendem a sofrer forte julgamento social e são alvos de preconceito e discriminação. Muitas das vezes, isso ocorre por falta de informação da população sobre o fenômeno da adoção e sua evolução ao longo da história social e do seu marco regulatório (Araújo & Faro, 2017; Bicca & Grzybowski, 2014).

Os dados analisados mostram que a palavra “preconceito” continua dando sentido à representação central da adoção tardia, com o reconhecimento de que essa modalidade de adoção sofre com o preconceito. Entretanto, as palavras “felicidade”, “esperança”, “vínculo” e “chance” trazem uma representação positiva e diferente da representação central, sugerindo uma representação social mais positiva da adoção tardia. A zona de contraste reconhece o preconceito, revelando que essa modalidade de adoção sofre preconceito devido as crianças estarem fora do perfil mais desejado pelos postulantes à adoção, mas que, apesar de ser reconhecida como uma modalidade de adoção pouco procurada pelos postulantes à adoção, ainda é representada de forma positiva.

Dessa maneira, ressalta-se o preconceito como um elemento associado à adoção tardia, mesmo em um grupo diversificado em termos de formação profissional e experiências sociais associadas à escolaridade superior, como o que participou da presente pesquisa. Por essa razão, órgãos responsáveis pela promoção da adoção em diversas regiões do país devem estar atentos a essa possibilidade.

Alguns exemplos distribuídos no território nacional buscam desenvolver campanhas de conscientização sobre a adoção de crianças e adolescentes, dando visibilidade para as crianças e adolescentes que se encontram nos serviços de acolhimento com pouca chance de serem adotados, aproximando os postulantes à adoção das crianças e adolescentes com idades superiores aos sete anos de idade, assim como, ações que promovam a reflexão sobre as barreiras sociais que ainda cercam a adoção, especialmente no que se refere a crianças e adolescentes mais velhos, a fim de garantir uma adoção mais inclusiva e livre de estigmas. Por exemplo, o projeto “Adote Um Pequeno Torcedor”, em Recife – PE, que foi desenvolvido pela 2ª Vara da Infância e Juventude juntamente com o Sport Club de Recife e o Ministério Público de Pernambuco, com o intuito de aproximar postulantes à adoção com as crianças acima de sete anos de idade.

Pode-se citar outros projetos com o mesmo objetivo, como “Adoção Sem Preconceitos” e “Adotar É Legal” no Mato Grosso, ambos visam promover a cultura da adoção e desmistificar a prática, além de orientar e minimizar os preconceitos. No Rio de Janeiro existe o projeto “Quero Uma Família” que permite aos postulantes à adoção uma busca ativa para crianças e/ou adolescentes, que ainda não tenham encontrado pretendentes no Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA). Este projeto proporciona uma maior visibilidade às crianças e adolescentes que se encontram nos serviços de acolhimento, em especial aquelas com menores possibilidades de adoção, no intuito de haver uma aproximação dos postulantes à adoção com essas crianças e adolescentes acolhidos, assim como uma possível mudança no perfil pretendido no Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA).

Adoção por pessoas solteiras

Com relação ao terceiro estímulo indutor, “adoção por pessoas solteiras” foram obtidas 396 evocações, sendo 4 (quatro) a frequência mínima utilizada, correspondente a 60,8% da amostra. A Tabela 3 descreve principais elementos atribuídos à adoção por pessoas solteiras.

Com relação às representações sociais dos universitários sobre a “adoção por pessoas solteiras”, as palavras “família”, “responsabilidade” e “companhia” surgem na zona do núcleo central, localizada no primeiro quadrante (superior esquerdo), como elemento central dessa representação. Observa-se que a palavra “família” está relacionada ao fato de que a monoparentalidade é reconhecida pelos participantes como uma configuração de família legítima.

Tabela 3.

Análise prototípica para o estímulo indutor adoção por pessoas solteiras.

Categoria	Evocação	R	OME	Evocação	R	OME	
	OME < 1.95			OME > 1.95			
Adoção por pessoas solteiras	r > 8.28	Família	18	1.8	Amor	49	2.2
		Responsabilidade	17	1.9	Coragem	11	2.1
		Companhia	10	1.7			
	r < 8.28	Independência	8	1.1	Compromisso	8	2
		Compaixão	7	1.7	Dificuldade	8	2.2
		Empatia	5	1.2	Afeto	8	2.6
		Preconceito	5	1.4	Desejo	6	2
		Felicidade	5	1.8	Carinho	6	2
		Solidão	5	1	Desafio	6	2.2
		Normal	5	1.8	Caridade	5	2.6
		Medo	5	1.2	Respeito	5	2.8
		Vontade	4	1.5	Difícil	4	2
		Possibilidade	4	1.8	Dedicação	4	2
		Sonho	4	1.8	Oportunidade	4	2

De acordo com Santos et al. (2011), em termos legais, não deve haver diferenciação na avaliação de casais ou de pessoas solteiras que pretendem adotar uma criança. Pesquisas anteriores corroboram esses dados apresentados, demonstrando a existência de lares estáveis/funcionais de famílias monoparentais, tanto femininas quanto masculinas. Essas famílias podem contar com o apoio da família extensa ou de pessoas mais próximas no cuidado com os filhos. Essa configuração familiar é reconhecida como família, mesmo na ausência de uma figura materna ou paterna (Denardi & Bottoli, 2017; Lima & Féres-Carneiro, 2021).

Na presente pesquisa, observa-se a aceitação da família monoparental nos relatos: “A aptidão de ter filho independe do sexo e do estado civil” (Participante 01). “Eles são capazes de criar uma criança sozinhos” (Participante 03). “Não é necessária a existência de um pai e de uma mãe” (Participante 24). “Eles podem querer constituir uma família e

desejarem ser pais ou mãe” (Participante 53). “Pessoas solteiras podem ser tão capazes quanto pessoas casadas” (Participante 134).

Outro constituinte do núcleo central foi a evocação da palavra “companhia”, que é reforçado pela palavra “solidão”, encontrada na zona de contraste. Nesse sentido, pode-se compreender que a adoção por pessoas solteiras pode ser considerada como uma necessidade de ter uma companhia de um filho, bem como a necessidade de preencher a solidão existente ou o medo da solidão no futuro. Dentre as respostas dos participantes é possível perceber que existe uma representação de que a adoção por pessoas solteiras tem como objetivo ter uma companhia para as pessoas que se sentem sozinhas e um desejo de serem cuidadas. Temos como exemplo as seguintes frases: “Eles devem poder adotar pois são solitários” (Participante 08). “Todos têm o direito a ter uma companhia” (Participante 49). Verifica-se, assim, que a adoção por pessoas solteiras tende a ser relacionada à solidão por parte dos postulantes à adoção, bem como à necessidade de cuidar e ser cuidada que surge ao longo do tempo, sendo a adoção uma possibilidade para suprir esses desejos (Feitosa, 2021)

Seguindo com a análise dos resultados, a palavra “amor” foi a mais evocada (49 vezes) e, junto com a palavra “coragem”, compõe a primeira periferia, que se encontra no segundo quadrante (superior direito). Os dados sugerem, assim, que a adoção por pessoas solteiras, assim como nas outras modalidades de adoção, exige não apenas amor, mas também coragem para tomar essa decisão. Trata-se de uma adoção monoparental (feminina ou masculina), em que uma única pessoa assume integralmente as responsabilidades e os cuidados com a criança e/ou adolescente adotado. Essa modalidade de adoção e de configuração familiar ainda causa estranhamento na sociedade em geral.

Na zona de contraste, terceiro quadrante (inferior esquerdo), as palavras “felicidade” e “sonho” dão continuidade à representação positiva da adoção por pessoas

solteiras. Porém, a palavra “compaixão” reforça a ideia da adoção em uma perspectiva de caridade. Os dados demonstram que a adoção por pessoas solteiras é representada como uma forma de solidariedade, um ato de fazer o bem para crianças e/ou adolescentes que, por algum motivo, foram privadas da convivência com a família biológica (Damaceno et al., 2020).

Dando continuidade à análise dos dados, a palavra “preconceito” surge e demonstra que a configuração familiar adotiva monoparental também sofre com as atitudes preconceituosas. A modalidade de família monoparental tem um preconceito mais acentuado, pois há uma visão negativa desta parentalidade que não se constituiu de uma forma convencional. Ela ainda é associada a preconceitos que são fundamentados na crença de que a origem de futuros distúrbios na criança adotada está relacionada à ausência de uma figura materna ou paterna, que deveria ser uma referência para a criança. Essa ausência é apontada como um fator de risco para a criança que é adotada por pessoas solteiras. Assim, as pessoas que decidem pela modalidade de adoção monoparental (feminina ou masculina), sofrem com o preconceito e a discriminação social (Biasutti & Nascimento, 2021; Denardi & Bottoli, 2017).

Para melhor interpretação da palavra “preconceito” é possível utilizar a ilustração das frases elaboradas pelos participantes quando foram questionados sobre: “Homens solteiros poderiam adotar? Por quê?”, “Mulheres solteiras poderiam adotar? Por quê?”, para as quais obtivemos respostas como: “Não, pois precisa de um pai e de uma mãe para criar uma criança” (Participante 48). “É necessário uma estrutura familiar” (Participante 70). “A adoção deve ser feita por famílias que não podem ter filhos” (Participante 94). “A adoção deveria ser preferencial para famílias completas” (Participante 116). “A prioridade da adoção deveria ser dada a famílias e não a pessoas solteiras” (Participante 135).

Desse modo, pode-se observar o preconceito social dos universitários referente à adoção monoparental (feminina ou masculina), mesmo com as transformações sociais das últimas décadas, no que diz respeito à estrutura das famílias e aos papéis de gênero, que contribuíram para a legitimação e maior visibilidade de arranjos familiares que se afastam do modelo tradicional. Destaca-se que os universitários, que possuem maior acesso à educação, às informações e às novas tecnologias, reconhecidos como agentes de novas percepções acerca dos fenômenos complexos, como a adoção, estão deslegitimando famílias que fogem à configuração nuclear e, em geral, heterossexual.

Na segunda periferia, localizada no quarto quadrante (inferior direito), surgem as palavras “afeto” e “carinho”, que reforçam os aspectos positivos da adoção por pessoas solteiras. Todavia, palavras como “compromisso”, “dificuldade”, “desafio” e “dedicação” revelam uma representação social negativa no sentido em que enfatiza os obstáculos da adoção por pessoas solteiras, seguidos da palavra “caridade” que confirma ainda a existência do caráter assistencialista vinculado à adoção tardia (Damaceno et al., 2020).

Em linhas gerais, a adoção por pessoas solteiras tende a ser representada por aspectos positivos, ilustrados pelas palavras “família”, “amor” e “afeto”. Contudo, ainda persiste a ideia dessa modalidade de adoção como um ato de filantropia, expressa nas palavras “compaixão” e “caridade”, além dos desafios que a acompanham, representados pelas palavras “coragem” e “dificuldade”. Destaca-se também o reconhecimento da família monoparental como uma nova configuração familiar, embora ainda coexistam preconceitos em relação a essa modalidade de adoção. A modalidade de família monoparental contrasta com o modelo tradicional amplamente aceito pela sociedade, o que acentua o preconceito e dificulta a adoção por indivíduos que compõem novas configurações familiares, como as pessoas solteiras.

Considerações Finais

Esse artigo teve como objetivo investigar as representações sociais de 136 universitários (52,7% sexo feminino, $M = 25,9$ anos) acerca da adoção, da adoção tardia e da adoção por pessoas solteiras. Em linhas gerais, verificou-se que a adoção é considerada de forma positiva entre os estudantes universitários pesquisados, mesmo que seja representada em alguma medida por atos de caridade e filantropia. Os achados da pesquisa mostram que as representações de adoção tardia e da adoção por pessoas solteiras, em algum nível, são associadas aos preconceitos que persistem na história e em diferentes contextos, que por sua vez relaciona-se com o modelo de família tradicional imposto pela sociedade. Isso pode explicar o fato de que a modalidade de adoção tardia ainda é pouco procurada pelos postulantes à adoção, deixando claro o motivo pelo qual estes preferem adotar crianças com menos idade. Muitas vezes, isso se deve à falta de informação e conhecimento da população em geral sobre o fenômeno, que eleva o nível de preconceito da modalidade de adoção tardia.

Ressalta-se ainda as limitações do presente estudo, que foi realizado apenas com universitários de uma faculdade particular e não foi possível analisar se as diferenças entre os cursos, fatores socioeconômicos e idade dos participantes, que influenciam nas representações sociais. Desse modo, pesquisas futuras podem considerar fazer uma análise das representações em diferentes cursos, faixas etárias e níveis socioeconômicos, ou incluindo a população em geral, para uma melhor compreensão do fenômeno.

Ademais, é importante destacar as repercussões das representações sociais no processo de adoção. Nesse sentido, é necessário promover intervenções que visem reduzir o preconceito e aumentar o número de adoções em suas diversas modalidades, contribuindo para uma melhoria na vida de crianças e adolescentes que vivem em serviços de acolhimento, viabilizando a convivência familiar e a garantia dos direitos da criança

e/ou adolescente. No futuro, sugere-se o desenvolvimento de pesquisas com o foco em outras modalidades de adoção que ocorrem de forma reduzida, como a inter-racial, de crianças e adolescentes com deficiência e a adoção de grupo de irmãos.

Referências

- Araújo, A. I. S. F., & Faro, A. (2017). Motivações, dificuldades e expectativas acerca da adoção: perspectivas de futuros pais adotivos. *Psicologia em Revista*, 23(3), 790-810.
- Baldessar, J. C., & Castro, A. (2020). Representações sociais da adoção tardia: o amor vinculado ao medo. *O Social em Questão*, 47, 271-296.
- Bento, I. D. J., & Grzybowski, L. S. (2023). Adoção de Adolescentes e a Construção do Vínculo Parento-filial. *Pluralidades em Saúde Mental*, 12(2), 57-76. doi: doi.org/10.55388/psicofae.v12n2.430
- Biasutti, C. M., & Nascimento, C. R. R. (2021). O processo de adoção na família monoparental. *J Hum Growth Dev*, 31(1), 47-57. doi: 10.36311/jhgd.v31.10364
- Bicca, A., & Grzybowski, L. S. (2014). Adoção tardia: percepções dos adotantes em relação aos períodos iniciais de adaptação. *Contextos Clínicos*, 7(2), 155-167. doi:10.4013/ctc.2014.72.04
- Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Vieira, M. L., & Crepaldi, M. A. (2013). Engajamento paterno no cuidado a crianças de 4 a 6 anos. *Psicologia Argumento*, 31(73), 237-246.
- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: Um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), 513-518.
- Conto, T., & Canzi, I. (2024). Adoção internacional e o princípio da proteção integral no Brasil e Portugal. R. *Katál.*, Florianópolis, 27, 1-11. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2024.e94382>
- Cúnico, S. D., & Arpini, D. M. (2014). Família e monoparentalidade feminina sob a ótica de mulheres chefes de família. *Aletheia*, 43(44), 37-49.

- Damaceno, C. D., Sousa, C. V., & Batinga, G. L. (2020). Filhos do coração: percepção das famílias adotantes em relação as ações de marketing social em prol da causa. *Revista Gestão e Planejamento, Salvador, 21*, 54-69. doi: 10.21714/2178-8030gep.v.21.6088
- Denardi, A. T., & Bottoli, C. (2017). E quando não é a mãe? a paternidade diante da monoparentalidade. *Barbarói, Santa Cruz do Sul, 49*, 120-146.
- Feitosa, H. F. O. (2021). Adoção monoparental por mulheres solteiras numa sociedade patriarcalista: desafios e conquistas neste novo modelo de família. *Revista Processus Multidisciplinar, 2*(4), 567-583.
- Giacomozzi, A. I., Nicoletti, M., & Godinho, E. M. (2015). As representações e as motivações para a adoção de pretendentes brasileiros à adoção. *PSYCHOLOGICA 58*(1), 41-64. doi: http://dx.doi.org/10.14195/1647-8606_58-1_3
- Jodelet, D. (1989). Représentations sociales: un domaine en expansion. Em D. Jodelet (Org.) *Les représentations sociales* (pp. 31-61). PUF.
- Leão, F. E., Porta, D. D., Pauli, C. G., Antoniazzi, M. P., & Siqueira, A. C. (2017). Reflexões Teóricas sobre Maternidade e Adoção no Contexto da Monoparentalidade Feminina. *Pensando Famílias, 21*(2), 45-59.
- Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. *Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.* Diário Oficial da União. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm
- Lima, S. J. P., & Féres-Carneiro, T. (2021). Monoparentalidade Voluntária: Autoridade e Rede Social na Construção do Vínculo. *Pensando Famílias, 26*(1), 137-151.
- Lino, M. V., & Marafon, G. (2023). Reflexões sobre o impacto do racismo nas adoções inter-raciais. *Revista ABPN, 16*, 620-651.

- Machado, L. V., Ferreira, R. R., & Seron, P. S. (2015). Adoção de crianças maiores: sobre aspectos legais e construção do vínculo afetivo. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 6(1), 65-81.
- Maux, A. A. B., & Dutra, E. (2010). A adoção no Brasil: algumas reflexões. *Estudo e pesquisas em psicologia*, 10(2), 356-372.
- Medrado, B. (1998). Das representações aos repertórios: uma abordagem construcionista. *Psicologia & Sociedade*, 10(1), 86-103.
- Melgaço, G. S. L., & Nascimento, L. O. (2023). A (im) possibilidade de adoção pela família acolhedora. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 9(10), 6155-6180.
- Moscovici, S. (2015). *Representações Sociais: Investigações em psicologia social* (11^a ed.). Vozes.
- Nokata, L. C., & Gomes, G. C. (2023). A viabilidade da adoção homoparental após o reconhecimento da união homoafetiva no Brasil. *Revista de Iniciação Científica e Extensão da Faculdade de Direito de Franca*, 8(1), 953-975.
- Otuka, L. K., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2013). Adoção tardia por casal divorciado e com filhos biológicos novos contextos para a parentalidade. *Estudos de Psicologia Campinas*, 30(1), 89-99.
- Peixoto, A. C., Giacomozzi, A. I., Bousfield, A. B. S., Berri, B., & Fiorott, J. G. (2019). Desafios e estratégias implementadas na adoção de crianças maiores e adolescentes. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 63, 89-108. doi: <http://dx.doi.org/10.21452/2594-43632019v28n63a05>
- Reis, E. F. (2010). *Varas de família – Um encontro entre Psicologia e Direito*. Juruá.
- Resmini, G. de F., Silberfarb, M. S., Soares, E. L. M., Savy, V. M., & Frizzo, G. B. (2023). Quando desconhecidos tornam-se pais e filhos: a formação de vínculos na

- adoção tardia. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 16(1), 1-25. doi: <http://dx.doi.org/10.36298/gerais202316e19193>
- Riede, J. E., & Satorinei, G. L. Z. (2013). adoção e os fatores de risco: do afeto à devolução das crianças e adolescentes. *PERSPECTIVA, Erechim*. 37(138), 143-154.
- Sampaio, D. S., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2018). Pedras no caminho da adoção tardia: desafios para o vínculo parento-filial na percepção dos pais. *Temas em Psicologia*, 26(1), 311-324. doi: 10.9788/TP2018.1-12Pt
- Sampaio, D. S., Magalhães, A. S., & Machado, R. N. (2020). Motivações para adoção tardia: entre o filho imaginado e a realidade. *Psicologia em Estudo*, 25, 1-15. doi: 10.4025/psicolestud.v25i0.44926
- Santos, C. P., Fonsêca, M. C. S. M., Fonsêca, C. M. S. M. S., & Dias, C. M. S. B. (2011). Adoção por pais solteiros: desafios e peculiaridades dessa experiência. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(2), 89-102.
- Silva, G. M., Silva, R. S., Silva, I. G., Ferreira, J. S., & Porto, A. K. (2022). Adoção tardia: processo de adaptação do filho sob o olhar dos pais adotivos. *Research, Society and Development*, 11(13), 1-15. doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i13.35343>
- Silva, J. M. (2010). *O lugar do pai: uma construção imaginária*. Annablume.
- Souza, A. B. L., Beleza, M. C. M. & de Andrade, F. C. (2012). Novos arranjos familiares e os desafios ao direito de família: uma leitura a partir do Tribunal de Justiça do Amazonas. *PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP Macapá*, 5, 105-119.

Souza, M. de L. N., Brito, L. M. T., & Monteiro, C. A. S. (2021). Adoção como solução: o cenário atual no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41(3), 1-14. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003190115>

Spink, M. J. P. (1996). Representações sociais: questionando o estado da arte. *Psicologia & Sociedade*, 8(2), 166-186.

Wachelke, J. F. R., & Camargo, B. V. (2007). Representações sociais, representações individuais e comportamento. *Revista Interamericana de Psicologia*, 41, 379-390.

Wachelke, J. F. R., & Wolter, R. (2011). Critérios de Construção e Relato da Análise Prototípica para Representações Sociais. *Psicologia: Pesquisa e Teoria*, 27(4), 521-526.

Weber, L. N. D. (2021). *Aspectos psicológicos da adoção*. Juruá.